Meio Século sem o Barão de Studart

Luís Sucupira

Na marcha interminável que empreende a humanidade na sua infinda peregrinação sobre a face da terra, ao lado de agrupamentos que procuram esparramar erros e dúvidas, há os espíritos superiores, guardas avançados da imaginação criadora, que caminham sempre na dianteira, buscando com avidez a Terra Prometida, a fim de anunciá-la aos companheiros de viagem e de sofrimentos. Abrem caminhos impérvios e apresentam paisagens ignoradas até então. Muitas vezes, na confusão dos entrechoques de interesses indefinidos, desaparecem abraçados no seu ideal, guardando a fé dos seus sonhos, levando para o inatingível a beleza das suas aspirações e dos seus ideais.

Só depois a humanidade, no seu desfilar intérmino, em constante evolução, relembrando-lhe as figuras luminosas, é que passa a compreendê-los e os saúda desbravadores dignos de apreço, de reverência e de culto.

E isso acontece porque os grandes homens são mais do que pessoas, são personificações. Não morrem com o seu corpo, eternizam-se com a sua inteligência, com o seu talento, com o seu gênio criador, com a sua persistência animada pela força do Espírito Santo, marcando uma época, estabelecendo uma idade, perenizando acontecimentos.

Por isso, toda feição social tem sempre grandes homens a personificá-la.

Faz cinqüenta anos que a cidade de Fortaleza, no dia 25 de setembro de 1938, viu transferir-se para os mistérios da vida eterna um dos seus mais diletos filhos, o imortal Guilherme Studart. Rebento do pai inglês e da mãe cearense, seu

nome batiza hoje uma das principais e nobres avenidas dessa Capital, e seu busto exorna um dos recantos pinturescos do tradicional Passeio Público.

Prevaleceu na educação do menino a influência espiritual do Catolicismo, e graças a isso, veio ele a receber, 45 anos após seu nascimento, do Papa Leão XIII, a saudação de "filho dileto", com a declaração de que "a integridade de sua vida e costumes, o amor à religião, alado ao da sua cultura e singulares merecimentos, eram recomendação à causa católica", donde oferecer-lhe o Sumo Pontífice "um título especial de honra e nobreza, como prêmio do bem praticado."

Com essas palavras o Chefe da Cristandade concedia a Guilherme Studart o título de Barão da Santa Sé, "para ser usado em documentos públicos e particulares, em diplomas e mesmo em quaisquer letras apostólicas, cabendo por ele ser tratado e chamado licitamente". Daí por diante passou o agraciado a ser conhecido e tratado simplesmente como "Barão", e é ainda hoje assim lembrado e enaltecido.

É este homem que, ao seu tempo, no seu labor quotidiano, no silêncio e no recesso de seu gabinete ou em movimentadas visitas aos seus pobres e doentes, passou a merecer ressaltado, homenageado e mesmo venerado na sua figura exemplar e esplendente, como um marco de nobreza e um título de glória, a que todos prestamos o culto da nossa admiração e o entusiasmo dos nossos agradecimentos.

Na alma desse insigne benemérito reencontram-se, como em foco e a refaiscarem como num espelho, todos as mais pulcras virtudes que num grande homem se pode abrigar, desde o heroísmo sem rebeldias até a caridade sem retumbâncias.

Para os seus contemporâneos há de ter parecido uma sombra, para os seus pósteros se apresenta como astro cintilante.

No labor diuturno de um apaixonado pelo trabalho, pelas ciências, pela história e pela verdade não temia o tempo, porque acreditava na eternidade, não descria dos homens porque praticava o amor ao próximo no cumprimento do Decálogo e não buscava a publicidade, porque sabia que o dia de amanhã é uma ressurreição.

No seu esforço todo particular para refazer a vida, fosse na Medicina, fosse na recomposição de esconsos alfarrábios

fosse no contato piedoso com a pobreza desvalida e desamparada, que assistia como generoso samaritano, procedia como um gigante, contando só consigo mesmo.

Em vez de procurar ocupações para locupletar-se mesmo justamente com proventos materiais, oferecia-se aos governantes para cuidar generosamente de órfãos "sem retribuição alguma", como se lê no ofício a ele dirigido, em 02 de outubro de 1880, pelo então Presidente da Província, José Júlio, agradecendo-lhe os cuidados médicos prestados à Colônia Cristina.

Por sua própria conta viajou pela Europa, não para simples passeio, mas para exumar dos cemitérios dos séculos documentos que interessavam e muito à história do Ceará, recompondo, redivivas e palpitantes, a origem e a formação da terra de seu berço.

Nesse tocante fica-se admirado ao defrontar com a paciência beneditina e o devotamento franciscano, o amor todo devoção no trato com as coisas bolorentas do passado, que encontraram em Guilherme Studart cultor assim exímio e dedicado, único no Ceará, raríssimo no Brasil.

Desamparado de incentivos, seja particulares, seja oficiais, desamparado dos meios, pois não era nenhum plutocrata nem desfrutava de rendas polpudas, trabalhador de todas as horas, á custa ao próprio esforço, sozinho, levantou monumentalmente a sua obra, dando-lhe traço e para ela carregando pedra e cimento.

Como já se disse de Alexandre Herculano, famoso escritor português, dessa obra foi ele tudo: cabeça, arquiteto e operário, olho perspícuo, investigando fatos, e, pulso amestrado, ferindo a luta. Foi tudo. Fez tudo. Só um prodígio de talento e um prodígio de vontade vingariam as asperezas que o labor oferecia e as dificuldades que a tarefa antolhava.

E o que de empenho e amor dava às pesquisas históricas distribuía também nos outros misteres que lhe encheram a vida de ocupações passadas e de fulgor futuro.

Não era um simples mergulhador ambicioso de recompensas na cata de pérolas preciosas, para vender a bom preço, no mercado dos interesses. Nada disso. O que colhia com sacrifício entregava gratuitamente. Para mais longe levar o resultado de suas recoltas mansas uma tipografia de que se faz gerente, administrador e muitas vezes paginador. Como o apóstolo S. Paulo, quer dar-se todo a todos e não escolhe sacrifícios para alcançar o seu fim.

E de forma igual procedia nos demais setores de sua multipartida atividade. Médico, estende seu olhar de lince além das chamadas classes bem instaladas na vida. Penetra no cumprimento de sua profissão ingrata no meio do povo, adentrando-lhe os tugúrios miseráveis, lenindo dores, curando enfermidades, suavizando sofrimentos, como um taumaturgo de boa felpa, que, não podendo obrar milagres, espalha com os atendimentos precários que a ciência do tempo oferecia a confiança em Deus, por meio do amor aos necessitados. E é ao calor desse sentimento cristão que penetra nos estudos da climatologia, das endemias e mesmo das epidemias que assolam o Ceará, atormentado pela onda avassaladora de uma seca prolongada e pela miséria de multidões desvalidas que procuram fugir da fome e salvar-se da morte. Inicia a construção de um leprosário. Congrega os médicos num Centro, que ainda hoje funciona. Alicerça o Instituto Pasteur, que passou a salvar numerosas vidas. Incita a fundação da Faculdade de Farmácia e Odontologia, de que foi diretor honorário enquanto viveu.

Na afirmação de Raimundo Girão, dominava-o a vontade de iniciar, de dar começo a novas coisas, de criar, de movimentar associações e grêmios nos quais pudesse dar largas aos seus incontentamentos, ao seu mal-estar de ficar estático, contemplativo, omisso no ambiente a que faltava tudo.

E nesse afã foram modelados pelos seus dedos de artista atuante o Centro Abolicionista, o Instituto do Ceará, a Academia Cearense de Letras, a Associação Médico-Farmacêutica do Ceará, o Centro Médico Cearense, o Círculo Católico, o Círculo Operário, a filial da Cruz Vermelha.

Homem do seu tempo, e não procurando fugir aos movimentos patrióticos do meio, envolveu-se na explosão abolicionista que deu ao Ceará o glorioso título de Terra da Luz, mas comedido como sabia ser, prudente nos seus propósitos e circunspecto em suas ações, preferiu afastar-se da Sociedade Libertadora para não compactuar com gestos de violência de alguns de seus companheiros. Mas seu afastamento não significou retraimento na luta pelo ideal visado. Logo funda o Centro Abolicionista 25 de Dezembro, sendo de seu punho vigoroso o manifesto que dessa fundação dava conhecimento ao seu povo.

Como escreve Luís Studart, nos *Apontamentos para a Biografia do Barão de Studart*, ele "não arrebatou pretos das mãos dos seus algozes nem foi daqueles que arrancaram pedras e construiram barricadas nas ruas de Fortaleza. Apos-

tolou a grande e generosa idéia pela pena e pela palavra, que foi sempre ouvida e acatada. Onde as invectivas de uns fracassaram, ele venceu pregando a magnanimidade e o sacrifício.

É preciso ressaltar, no entanto, o que até agora ainda não se procurou fazer, apesar da simpatia, da boa vontade, da zelosa diligência com que se vem debulhando o rosário de realizações, benemerências e trabalhos do Barão de Studart, no desenrolar dos seus bem vividos 82 anos de tormentos e percalços que, como ele, bem poucas pessoas já enfrentaram.

A vida não se lhe decorreu em branca nuvem no que diz respeito à situação de sua família. Mal terminado o curso de Medicina, no verdor dos seus vinte anos, teve que enfrentar pavorosa tempestade no ambiente doméstico. É que sofreu logo após entrar em contato na terra do berço com seus entes queridos o impacto cruel do falecimento do pai, em fevereiro de 1878. E ainda por cima veio a conhecer que era das mais críticas a situação financeira da família. John William ocupara posições destacadas na Sociedade cearense, integrando-se galhardamente no meio social. Dedicando-se ao comércio, alcançara situação vantajosa. Aconteceu, porém, que, seduzido pelos possíveis grandes lucros que poderia auferir na exportação de algodão para os sulistas, na Guerra da Secessão, verificada nos Estados Unidos, nisso empenhou o melhor de seu capital. Com a derrota dos confederados, seu prejuízo foi total. Nada conseguiu reaver dos recursos empenhados, o que redundou em completo descalabro no seu viver quotidnano. Reduzido à situação lastimosa, teve que sacrificar as últimas reservas, abandonando sua agradável residência na Rua da Palma e recolhendo-se à pequena casa no Calçamento de Messejana. Esses desastres atingiram-lhe fundamente a saúde e provocaram-lhe doloroso abatimento físico e moral, levando-o à sepultura em 29 de fevereiro de 1878.

Apresentava-se, assim, espantosa conjuntura ao doutorzinho mal saído da adolescência e que devia trazer na imaginação as mais fagueiras esperanças. Em vez disso defrontava um quadro dos mais desanimadores. Uma viúva desprovida de quaisquer recursos, acompanhada de oito enteados, inclusive ele, trazido ao mundo por Leonísia de Castro Barbosa, sua mãe, falecida em 1867, quando ele tinha onze anos, e mais três filhos nascidos após o casamento de seu pai com

a cunhada, Augusta de Castro Barbosa, sua tia e atual madrasta. As circunstâncias estavam exigindo dele que tomasse conta de todo aquele pessoal, que não tinha outra pessoa para quem apelar, ficando exclusivamente a seu cargo criar e educar toda a tropa, tendo o mais velho dos irmãos vinte anos e o mais moço cinco. A madrasta vinha tentando enfrentar a situação, estabelecendo em sua casa uma padaria de que ela mesma se incumbia e passando a vender pães pela vizinhança, disso encarregando os próprios filhos. Mas que poderia render esse pequeno e acanhado negócio, ante as responsabilidades sempre crescentes? Merece, no entanto, essa disposição heróica de Augusta de Castro Barbosa os mais rasgados elogios, tendo-se em vista ressaltar que se tratava de moça prendada, pertencente a uma das mais distintas e ilustres famílias da Província, neta do Major Facundo, e que até então, nos seus quarenta anos de vida, sempre desfrutara de todo conforto e bem-estar. E, assim, de um momento para outro, se entregava ao duro labutar de panificação, serviço dos mais pesados, principalmente naqueles tempos, quando, preparar a massa e assar o pão em forno primitivo, suportando temperaturas as mais elevadas, era verdadeiro suplício, e que só homens podiam normalmente suportar.

Decidido a entrar na luta pelo sustento da numerosa família, deixada no desalento pelo falecido pai, Guilherme Studart lançou-se ao trabalho, que teria de ser dos mais árduos. Não porque escasseasse clientela. Contavam-se nos dedos os poucos médicos em atividade no momento. Entre eles Mendes Guimarães, Viriato de Medeiros, Joaquim da Cruz, Meton de Alencar, Pedro Borges e João Moreira. Mas é que as perspectivas se apresentavam desalentadoras e mesmo desesperadoras. A reduzida população de 20 mil habitantes da cidade padecia às voltas com terrível seca iniciada em 1877 e que se vinha prolongando inexoravelmente. Verdadeiras enxurradas de vítimas da pavorosa catástrofe derramavam-se na capital vindas do interior, provocando problemas demográficos de todos os aspectos. A desgraça alastrava-se de maneira assombrosa, e a fome atingia quase toda gente, pois a falta de alimentos era geral. E para mais aumentar a pavorosa conjuntura, irradiou-se abruptamente uma epidemia de varíola. A doença viera trazida por tripulantes dos navios *Purus* e *Guará,* aportados da Paraíba. Surgiu na cidade de Aracati, em setembro de 1877, chegando rapidamente a Fortaleza, trazida pelos infelizes retirantes, que se abarrancavam

no alto da Pimenta nos areais da cidade, e transmitiam a peste a toda a população. A situação tornou-se pavorosa. Morria gente aos milhares, chegando-se a registrar num só dia mil e quatro óbitos. A coisa atingiu o auge no fim de 1888, quando em novembro pereceram 11.065 pessoas e em dezembro 15.445.

Esse pavoroso espetáculo com suas terríveis conseqüências não entibiou Guilherme Studart. Ao lado de sua atividade clínica particular, que passou a conquistar as preferências da melhor clientela, dada a sua atuação eficiente e prodigiosa, entregava-se também aos cuidados com os infelizes pestosos, sem encarar sacrifícios a ponto de haver declarado Dr. Antônio José de Melo que nesse serviço cometia ele verdadeiras loucuras.

Serenada a tormenta, amainado o tufão da mortandade com o afrouxamento e desaparecimento afinal do prolongado cataclismo, passou então Guilherme Studart a dedicar-se totalmente aos cuidados com a família que se comprometera a atender, criar, educar e manter em situação razoável.

E que deu conta exata e eficaz da missão mostra o próprio desenvolvimento da família em todos os seus membros. Assim é que, depois de fazer os irmãos cursar os então melhores colégios de Fortaleza, como o Ateneu e o Instituto de Humanidades, além do Colégio S. José, da Bahia, custeou-lhes os estudos superiores levados a efeito no Recife e na Cidade de Salvador, com os seguintes resultados: João Guilherme formou-se em Medicina na Bahia, em 1881; Eduardo Guilherme e Jorge Augusto, em Direito no Recife, respectivamente em 1886 e 1892; Carlos Guilherme e Oswaldo Studart, em Farmácia, respectivamente em 1886 e 1888. As irmãs casaram: Leonísia, com o Cel. João Fonseca, em 1880; Emília, com Benjamim Gurgel do Amaral e Georgina com Antônio Queiroz Mendes, em 1888; Guilhermina com Francisco Bezerra Viana, em 1889. O único irmão que não obteve diploma de Curso Superior foi Alberto Augusto Studart, que preferiu seguir a carreira do comércio.

Somente depois que viu os irmãos definitivamente estabelecidos na vida, cada um com sua carreira ou seu estado devidamente assentado, foi que Guilherme Studart, já com 33 anos, pensou em formar o próprio lar. Procurou companheira para a vida matrimonial, casando-se em 3 de fevereiro de 1889 com Luíza de Gonzaga da Cunha, de 25 anos de idade, filha de Severiano Ribeiro da Cunha, Visconde de Cauípe,

moço fidalgo da Casa Imperial, homem de grandes cabedais e considerado em publicação na revista *Ceará Ilustrado,* na época editada, como "um dos maiores caracteres que temos conhecido, e disposto sempre ao serviço abnegado de um magnânimo coração". A Santa Casa, de que foi provedor nos anos de 1873 e 1874, recebeu em sua gestão impulso fecundo e foi de sua iniciativa a instalação do denominado "Asilo de Alienados", hoje Hospital Psiquiátrico de S. Vicente de Paulo, inaugurado festivamente em março de 1886, dez anos após seu falecimento em 1876. Entre parêntesis: O nome do Visconde, que distinguia uma das grandes Avenidas de Fortaleza, com a denominação de *boulevard,* francesismo então adotado para os importantes logradouros, foi substituído ultimamente pelo título de Avenida da Universidade, sendo transferido para distante subúrbio, denominado Parque João XXIII e escondido nas lonjuras do Distrito de Parangaba.

Se o Barão de Studart casou tarde, a isso obrigado pelo honroso e magnânimo procedimento em favor da madrasta e dos irmãos, enviuvou cedo. Somente durante nove anos alcançou gozar as delícias de um lar bem formado, os carinhos da esposa e dos filhos e as alegrias de uma existência superiormente assentada. Em 16 de setembro de 1898 vinha a falecer, entre prantos e saudades, como ele mesmo diz na sua autobiografia, a querida esposa.

É de ver o abismo que se abriu na sua vida sentimental. Na fase mais encantadora da existência, quando se deliciava com a presença de quatro filhinhos, o mais velho com oito anos, — Renato — e o mais moço, — Luís, — com apenas um ano, entre os dois Guilherme, com 6 anos e Leonísia, com 7, vinha a morte roubar-lhe com a esposa todo o tesouro que estavam acumulando entretecido das mais fagueiras e justificadas esperanças.

Novamente a angústia, como há vinte anos atrás, se apresentava desoladora e inexorável, com a agravante agora de que os órfãos que tinha diante de si provinham do seu próprio sangue e envolviam o alucinante desespero de uma viuvez que não tinha consolo.

Homem de fé viva, homem de caráter intemerato, homem de coragem tantas vezes comprovada, Guilherme Studart encontra-se outra vez sozinho mas pôs-se novamente à obra e, agora com maior empenho, com mais vivo calor, com mais dedicação e amor, entregando-se à criação e educação da prole amada com toda a alma e todo afeto, tendo Renato se

formado em Medicina, Guilherme em Direito, Luís preferiu o Comercio e Leonisia casou-se com o primo médico, Artur Pereira Studart.

O eminente homem de letras português, Júlio Dantas, Presidente da Academia de Ciências de Lisboa, médico, poeta, dramaturgo, romancista, que escreveu *O que morreu de Amores, A Severa, Rosas de todo Ano, Outono em Flor, A Ceia dos Cardeais*, apresenta nesta conversa de três Príncipes da Igreja, recordando casos sentimentais da mocidade, antes de se tornarem sacerdotes de Cristo. Narrava fases amorosas vividas, cada um a seu modo, e de como eles compreendiam o verdadeiro amor.

O Cardeal Gonzaga, português, diz que também amou e foi a morte da namorada que o levou a fazer-se padre e, agora, Cardeal.

Guilherme Studart conquistou a sua amada. Fez dela o centro de sua existência. Nela encontrou o ideal que lhe iluminava a labuta quotidiana. Seu carinhoso acolhimento, quando regressava ao lar após os encontros com a doença e com a morte, que muitas vezes lhe anulava os esforços para derrotá-la, lhe proporcionava novas energias para o trabalho diário. E do enlevo de tão feliz convivência surgiam uns após outros os pequeninos seres vivos que lhe garantiam felicidades cantantes e alegrias perenes.

Mas um dia, após curto e rápido espaço de amorável convivência feliz o seu amor, a sua luz morreu.

Aceitou conformado o rude golpe da Providência e em vez de mergulhar no desespero procurou lenir as dores e acalmar os sofrimentos na busca de outro ideal que, se não substituisse de todo, pelo menos suprisse o enorme vazio em que se debatia, às voltas com a solidão, que a dolorosa saudade tornava mais cruciante. E assim como se passou na vida do Cardeal Gonzaga, Deus quis que de um amor outro amor reflorisse e encontrou ele, nos braços da História, uma nova amada, os motivos mais enternecedores para renovada existência bem vivida. E tornou-se Cardeal não da Igreja mas da História. A Mestra da Vida não só lhe deu bondosa acolhida como lhe proporcionou meios os mais esplendorosos para conquistar posição das mais destacadas no mundo das letras, entronizando-o no Panteon da Glória e canonizando-o como um dos mais eminentes vultos do céu da intelectualidade não só cearense, não só brasileira, mas universal, pois

seu nome fulgura com brilho e valor nas enciclopédias do mundo cultural da humanidade.

O Papa Leão XIII, declarando-o Barão, "título de honra e nobreza", o saúda como "dileto filho", e o Rei Jorge V, da Inglaterra, nomeando-o "esquaire", membro da Ordem do Império Britânico, o que lhe facultava gozar os poderes e direitos e todos os especiais privilégios da dita Ordem, o trata de "leal e bem amado Guilherme Studart".

Além de ter sido aclamado membro de honra de todos os Institutos Históricos e Geográficos em funcionamento no Brasil, teve calorosa acolhida na Sociedade de Ciências de Lisboa, na British Medical Association de Londres, na Sociedade Geográfica de Paris, na Sociedade de Geografia do Havre, na Sociedade de Bibliografia da França, na Academia Físico-Química Italiana, na Academia Americana de História de Buenos Aires, na Academia Nacional de História da Venezuela, na Sociedade Acadêmica de História Internacional de Paris, que ainda lhe concedeu Medalha de Ouro.

O Instituto do Ceará, de que foi Guilherme Studart fundador, e o elegeu seu Presidente Perpétuo, batizando ainda a sede com seu nome, justamente jubiloso por lhe estar relembrando e exaltando a memória imortal, quer também, nesta sessão toda especial, comemorativa do meio século de seu falecimento, manifestar, em nome da cultura cearense, de que se fez estrela maior, a sua gratidão imorredoura, pois foi ele e continua sendo indiscutível glória de nossa terra e motivo de orgulho de nossa gente, de cuja grandeza moral e intelectual se tornou precioso patrimônio.